vas. Às vezes, esquecia o número do próprio telefone e certa ocasião foi à Faculdade com os sapatos trocados, mas como dizia Vinícius de Morais, era um falso distraído. Nada de essencial lhe escapava de pessoas e fatos que o interessassem. Em mais de uma reunião onde numerosas pessoas falavam quase ao mesmo tempo, vi-o proceder como se não tivesse prestado atenção a uma observação feita ou à conversa de alguém, mas, de repente, referia-se a elas com riqueza de detalhes.

Quanto à boemia, é certo que gostava de noitadas, de beber, de cantar. Era capaz de ver chegar o dia em conversa com amigos e orgulhava-se disso. Também dizia que, se não fosse D. Maria Amélia, teria se deixado arrastar de vez para a boemia. Penso, entretanto, que mesmo nos tempos de mocidade, o seu lado boêmio nunca predominou, pelo menos no que toca ao trabalho. Basta ver os depoimentos da década de 20 que o descrevem sempre sobraçando pilhas de livros, leitor incansável de Proust, Rilke e tantos outros... Basta ver ainda a sua produção, sempre regular, nunca marcada por grandes intervalos de publicação, para se perceber que ele trabalhou muito: uma produção onde é transparente a solidez do conhecimento, a capacidade de seleção, a erudição com a qual, longe de esterilizar a análise, sempre a universalizou. Em tudo que escreve — diria Rodrigo de Mello Franco — desponta logo com força a originalidade da sua inteligência. Por muito familiarizado que esteja com qualquer matéria, a posição em que para considerá-la ele se situa, com a maior espontaneidade, surpreende sempre pelo imprevisto. Essa qualidade singular de seu espírito se revela também, naturalmente, no estilo em que Sérgio exprime o pensamento; a forma se afasta invariavelmente do comum pela força simples do movimento de sua inteligência.

É claro que uma produção de tal porte exigia, além do talento inato, enorme capacidade de trabalho. Ele mesmo comprovava a afirmação, pois dizia que lhe era penoso o ato de escrever, que não o realizava com facilidade. Descartando-se a absurda modéstia, pode-se lembrar com Antonio Candido que o seu perfeccionismo fazia-o reescrever nunca menos de quatro vezes qualquer trabalho. Dispendia noites e noites nessa tarefa, o que não se compadece com a imagem do boêmio.

Era como historiador que gostava de se ver, mas a atividade docente foi importante em sua vida, embora alguns a tenham minimizado. Em suas múltiplas ocupações, sempre reservou um lugar para o magistério, mesmo nas fases de trabalho mais intensas. Na década de 30 ensinou História da América e Cultura Luso-Brasileira na Universidade do então Distrito Federal. Quando se transferiu para São Paulo foi lecionar na Escola de Sociologia e Política. No período em que residiu na Itália como adido cultural deu aulas na Universidade de Roma.

Dessa forma, ao ingressar na Universidade de São Paulo, apenas retomou um convívio com os estudantes que se interrompera por algum tempo. Gostava disso. O apego ao *métier* revelava-se na prontidão e prazer com que sugeria temas de pesquisa, indicava livros e emprestava-os; na satisfação que demonstrava quando via seus alunos cumprirem as etapas exigidas pela vida acadêmica. Se tais exemplos não bastassem, valeria relembrar o depoimento dado a Richard Graham para a **Hispanic American Historical Review**, no qual, inquirido sobre a sua maior satisfação como historiador, respondeu que fora a de também formar historiadores. Essa resposta é uma comovente gentileza para com seus ex-alunos mas é também indicativa da importância que conferia ao magistério.

Para nós, sua presença foi inestimável. Com ele aprendemos a valorizar a garimpagem nas fontes, a procurar o fio da história em elementos aparentemente sem ligação entre si, a acautelarmo-nos contra os modismos, a manter a preocupação com a historicidade.

Não era um ativista político, mas sua vida sempre foi pautada por atitudes políticas, principalmente contra governos autoritários. Assim foi em 1945 contra Getúlio Vargas e depois de 1964, quando exprimiu de vários modos a sua oposição ao regime. Penso que uma das formas encontradas por ele para lutar à sua maneira contra o autoritarismo teria sido a de voltar-se mais sistematicamente para a história política e, nela, para a ascensão dos militares, que considerava um tema importante e ainda pouco estudado. Essa preocupação resultou no livro **Do Império à República**, sétimo volume da coleção **História Geral da Civilização Brasileira** que ele dirigiu por quase dez anos. O capítulo intitulado "A fronda pretoriana" é um primoroso estudo da psicologia do militar e da concepção que o tem oposto aos civis. Nele estão os elementos fundamentais para se entender as raízes do comportamento castrense no período republicano.

É sempre com um sentimento agradável mas de grande saudade que relembro Dr. Sérgio, as horas de convivência, as anedotas, as brincadeiras, mas também a conversa séria, na qual o conhecimento e a erudição jorravam incontroláveis. Sempre tive também aguda consciência do privilégio que era freqüentar aquela casa da rua Buri, encontrá-lo e a D. Maria Amélia, seus filhos, seus amigos, alguns dos quais se tornaram também meus amigos.

Ao concluir estas referências, posso afirmar com absoluta certeza que todos os seus ex-assistentes, embora tão diferentes no temperamento, concepções, formas de atuar, todos, sem exceção, tinham profunda afeição por ele. Essa unanimidade dá a medida de quem foi Sérgio Buarque de Holanda.

ESTILO E MÉTODO NA OBRA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

MARIA ODILA DA SILVA DIAS*

IN: Sérgio Buarque de Holanda: Vida e Obra. São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura - Arquivo do Estado; Instituto de Estudos Brasileiros - USP, 1988.

* Professora Titular de História do Brasil do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

O tema nos remete ao que de mais contemporâneo assoma no estudo do conhecimento histórico, que é sua natureza configurativa. O modo de Sérgio Buarque de Holanda construir em suas obras seu objeto de estudo, como historiador, árdua e sofisticadamente elaborado no ritmo da sua narrativa, envolve a urdidura de eixos ou conglomerados de temas em movimento no tempo. Uma das peculiaridades do seu estilo é justamente sua capacidade de construir eixos de interpretação os mais amplos possíveis sobre conglomerados de sentido do passado; explorar múltiplos níveis de atividades em suas mútuas interseções, reconstituir a singularidade brasileira entre os diferentes povos, os regionalismos e sobretudo as tensões, as forças históricas em situação de impasse, tolhendo e dificultando a criação de novas formas de convívio ou classes sociais.(1)

Movimento, ritmos do tempo, palavras: um estilo que devassa o processo histórico.

Nem todas as abordagens possíveis do tema das relações entre estilo e método parecem adequadas a Sérgio Buarque de Holanda; muitas das perspectivas mais formalistas ou narrativistas passam certamente à margem da densidade de sua experiência como historiador.(2) É preciso entender por estilo o próprio processo de construção da interpretação histórica e partir desta perspectiva para a releitura de seus textos.(3)

Dentre as mais diversificadas tendências no estudo da narrativa propriamente histórica, destaca-se a obra de F. R. Ankersmit, que procurou decifrar em obras consideradas historistas um modelo lingüístico ou unidade básica da linguagem do historiador. Obra fascinante, surpreende entretanto o leitor pela aparente contradição entre a flexibilidade própria de uma visão historista do modo de reconstruir o passado e o persistente interesse do autor em chegar a um modelo da linguagem histórica! É verdade que limita a sua busca ao estudo de obras afins, de autores notoriamente identificados com o historismo contemporâneo.(4)

Antes partisse de um reconhecimento tácito da infinita diversidade da experiência narrativa, como sucessão reiterada de tentativas de construção de aspectos diferenciados do passado; que fosse capaz de mergulhar nas sinuosidades do modo de cada historiador, cada interpretação, cada momento da experiência relativista, cumulativamente reiterada, de reconstituições necessariamente parciais e fragmentadas do passado.

A preocupação de Paul Ricoeur com os fundamentos universais da temporalidade da forma narrativa é outro critério de abordagem, que também nos afasta muito de uma conceituação relativistado conhecimento histórico, como a de Sérgio Buarque de Holanda. Ricoeur parte de uma interpretação fenomenológica do tempo, categoria universal, para descobrir também na lingüística a estrutura narrativa, como gênero igualmente universal da cultura humana.(5)

É como se devassando a forma se pudesse chegar a uma verdade do conhecimento histórico, quando há muito deixou de fazer sentido a distinção entre o conteúdo e a forma. Parece improvável que o estudo da forma narrativa possa fornecer ao historiador os critérios de referência do conhecimento histórico, que a epistemologia deixou de oferecer. A idéia de uma realidade histórica preestabelecida, segundo parâmetros epistemológicos universais, supondo a metáfora do olhar e do espelho da natureza, pode-se dizer que começou a desvanecer-se com a consciência da modernidade, vislumbrada por Vico no século XVIII.(6)

Nessa linha de pensamento, o estilo de Sérgio Buarque de Holanda aparece como seu principal instrumento interpretativo; busca o concreto, como concreta e imanente é sua conceituação das forças históricas. Sem dogmatismos, avesso a teorias, pretende lidar com a especificidade histórica e com o tema da mudança no tempo através da cuidadosa construção de um estilo de escrever. A linguagem e as palavras eram as pontes entre a sua consciência e a dos testemunhos da época.

Não se pode, entretanto, subestimar o quão sofisticado era em seus livros o processo de interpretação das mentalidades de outras épocas históricas. As tendências mais avançadas do pensamento contemporâneo demonstram que a ausência de teorias não implica falta de elaboração intelectual. Suas posturas filosóficas relativistas exerceram papel intenso na idealização de suas obras. É o que demonstra cabalmente a sua preocupação modernista, iconoclasta com o poder cognitivo das palavras, que foi o aspecto mais inovador de sua obra: tanto a preocupação com a historicidade cambiante das palavras — que tem a ver com o exercício da empatia histórica, i.e., a palavra como ponte entre a consciência do historiador e a dos seus testemunhos — como um outro nível, o papel do linguajar do historiad or, o seu instrumento de interpretação do passado, este que o historiador constrói para representar o passado. A erudição do historiador, que se transformava num instrumento de conhecimento e de interpretação, foi sua contribuição mais sofisticada para elaboração do estilo do historiador, capaz de reconstruir, devassar, representar com minúcias aspectos do modo de ser das sociedades de épocas passadas.

Para o historismo, que atraiu Sérgio Buarque de Holanda desde a década de 20, a relação entre as palavras e a realidade era uma questão de interpretação e não de dedução filosófica. A conotação palavra-realidade, palavras-nuanças, buscava o seu movimento no tempo, procurando apreender a descontinuidade inerente ao processo histórico, que se estrutura e se desestrutura a cada instante.

Era o que o levava a evocar às vezes as **Investigações Filosóficas** de Ludwig Wittgenstein, obra em que o filósofo desfaz as bases do seu **Tractatus** anterior, apelando para o descritivo e o configurativo, em lugar de idéias preconcebidas

ou de modelos hipotéticos. No estudo do nexo entre as palavras, não existem leis nem regras fixas independentes da sua aplicação a casos particulares, que de fato definem o seu sentido. É o consenso que dá o sentido à regra. "Em vez de pensar a humanidade como determinada por leis lógicas e matemáticas, consideremos que a prática humana é que estabelece regras para os homens."

Também o historismo incentiva o aspecto configurativo e perspectivista do conhecimento histórico. Identificou-se com a tendência modernista do pensamento europeu de reinterpretação da cultura e da história humana de uma perspectiva relativista e libertária. Esta tendência de pensamento, que tem raízes no idealismo alemão do século passado, contribuiu para a crítica da epistemologia e dos critérios ontológicos universais, assim como para reduzir posturas universalizantes a seus fundamentos propriamente históricos e conjunturais ou configurativos.

Os historistas opunham-se à noção positivista de uma ciência baseada em princípios universais de conhecimento, causalidades, hipóteses, modelos e leis. Reagiram contra critérios tradicionais da lógica, contra a idéia do real e do fictício, do verdadeiro e do falso, das leis fixas, dos princípios científicos comprovados. Até meados deste século, a polêmica com os neopositivistas e com a escola da filosofia analítica, de base empírica, dos anglo-saxões manteve viva a oposição entre ciências da natureza e ciências humanas, que culminou na obra de Popper.

Hoje, o historismo parece ganhar um novo viço como componente de frentes de pensamento crítico que tornaram quase sem sentido a polêmica sobre os tipos de conhecimento específicos das ciências exatas, da natureza e das ciências propriamente humanas. A própria filosofia das ciências adquiriu feição relativista e historista de crítica dos fundamentos epistemológicos das ciências exatas e experimentais. Wittgenstein, Quine e Sellars lançaram as bases relativistas da filosofia da linguagem, que desmistifica a possibilidade de uma teoria do conhecimento universal e fixa.

O historismo incentiva o aspecto configurativo e perspectivista do conhecimento histórico. Mantém-se fiel à postura iconoclasta do refazer das tradições da cultura ocidental, sempre relativa às conjunturas específicas do presente, das circunstâncias da sociedade e da perspectiva do crítico.[7] O conceito da linha do horizonte, que marca o ponto de encontro do contemporâneo com as sobrevivências de outras épocas, delimita o âmago do processo incessante de renovação do conhecimento histórico.[8] A perspectiva do historiador situado no tempo obriga-o a captar a alteridade do pensamento dos homens do passado e a procurar palavras adequadas a transmitir matizes da mudança do linguajar através do tempo. Sérgio Buarque de Holanda procurava em suas obras a nitidez do enfoque desta linha do horizonte entre o passado e o presente. "A história digna de tal nome... a história rigorosa, verdadeira, justamente porque quer exprimir a verdade, requer acurado trabalho de redação e elaboração, que, dificilmente admite a linguagem desleixada."[9]

Tudo isso enfatiza a atualidade da obra de Sérgio Buarque de Holanda e do seu modo de pensar a relação entre estilo e conceituação na obra histórica. É certo que objetaria inicialmente contra a palavra método pela sua conotação de pensamento sistemático, que considerava basicamente incompatível com o conhecimento propriamente histórico. Em seu ensaio sobre a obra de Ranke, citava Nietzsche no sentido de lembrar que todo conceito passível de definição fugia aos parâmetros do conhecimento histórico. Caberia ao historiador contemplar e observar, porém jamais definir ou esquematizar as forças atuantes numa dada época do passado.[10]

Nada mais importante a seu ver para o ofício do historiador do que o estudo da concatenação e da urdidura de interpretação dos movimentos do tempo nas diferentes conjunturas de formação da sociedade brasileira.

A idéia da importância da concatenação ou urdidura das partes na elaboração de uma interpretação é central na filosofia contemporânea. Assim também para o relativismo histórico onde o "zusamenhangung", o modo de compor as partes do todo constitue o momento vital do processo de conhecimento, a sua configuração.

Ultimamente, tem se dado grande destaque a forma narrativa, como se esta pudesse, independentemente das fontes e dos documentos, contribuir decisivamente para a construção do passado. É o que levou alguns autores, como Hayden White, a assinalar a influência de recursos lingüísticos ou figurativos, — os tropos —, na concatenação dos fatos históricos. Estas tendências formalistas tendem a enfatizar as semelhanças entre a narrativa de ficção e a narrativa histórica.[11]

Desde a Ilustração, autores como Chladenius destacavam a parte criadora de qualquer interpretação histórica.[12] A partir do momento em que se tomou consciência de que o passado não existe em si ou por si, a não ser como emaranhado sem forma, a espera de uma interpretação parcial, os conceitos de res factae e res fictae chegaram a confundir-se, de modo que a imaginação interpretativa do historiador e a imaginação criadora do escritor de ficção pareciam confluir uma para a outra, distinguindo-as apenas, porém decisivamente, o convívio crítico necessário do historiador com suas fontes e seus tetemunhos de época.[13]

Sérgio Buarque de Holanda traçava nítida linha de demarcação entre obras sobre o passado e criações literárias ("... a história não constitui um gênero literário")[14]...Destacava a im portância da capacidade do historiador de "im aginar o real", ainda em oposição à ficção literária.Esta postura não o impedia de reconhecer como necessárias as qualidades literárias para o bom historiador.[15]

Estilo e interpretação, inseparáveis, correspondiam-se dialeticamente, um construindo o outro.

Não se tratava apenas de esmiuçar e narrar fatos ou eventos, mas de reconstruir as tensões do devir, suas "maiores probabilidades de determinar ou criar o futuro".[16] Era preciso um estilo sutil para recriar o movimento, o próprio vir a ser em suas nuanças esquivas, cheio de contrastes entre a idealidade e uma realidade tangível e bruta. Era o que procurava captar na sedimentação da sociedade mineradora: "O que de tudo ressalta é a estrutura movediça que se desmancha em partes e se recompõe, continuamente, ao sabor de contingências imprevisíveis".[17] Daí a importância que dava à construção de um estilo adequado para nuançar conceitos estranhos ao autor e à época do passado que estudava [18], era preciso um árduo esforço de crítica, "dentro de uma armação de prudência intelectual, deliberadamente rigorosa".[19]

Tudo no ofício do historiador dependia de certa capacidade de empatia ou da sensibilidade do historiador em discernir as forças atuantes ou os princípios de aglutinação de uma época passada. É verdade que havia certo arbítrio no processo de cognição do passado, pois pressupunha o esforço imaginativo de interpretar os testemunhos históricos e de recuperar aspectos não contemporâneos ao presente do historiador.

Pode-se dizer que toda a sua obra foi construída em torno do conceito de tempo, continuidade e mudança no processo de vir a ser. Para Sérgio Buarque de Holanda a história era o conteúdo vivo das ciências humanas, reconstruídas do prisma de sua temporalidade.[20]

Para ele mais valia a empatia do que a exorbitância de um rigoroso raciocínio discursivo, intelectualismos, critérios abstratos, tendências esquematizadoras, como instrumento de conhecimento do historiador, pois era preciso a todo custo nuançar conceitos, ajustar palavras; mais do que o rigor analítico, cabia ao historiador cultivar certa "inteligência da sensibilidade".[21]

Em sua obra, Sérgio Buarque de Holanda trabalhou temas dinâmicos relativos à interpenetração da paisagem, da sociedade e da cultura. "A fim de esposar a complexidade do seu objeto e bem exprimi-lo em todos os seus entretons e sutilezas, o historiador há de conquistar, não raro às custas de tremendo esforço, a expressão mais justa."[22] Desvendou os mais sutis temas na exigüidade das fontes coloniais com a temeridade de quem não hesitava enfrentar os desafios dos nexos entre costumes e valores culturais. Em **Monções** ao compasso das idéias de Max Weber, indicava a interpenetração e a interação ativa das forças da na tureza da cultura:

"Énevitável pensar que o rio, que as longas jornadas fluviais, tiveram uma açãodisciplinadora e de algum modo amortecedora sobre o ânimo tradicionalmente aventuroso daqueles homens. A própria exigüidade das canoas das monções é um modo de organizar o tumulto, de estimular, senão a harmonia, ao menos a momentânea conformidade das aspirações em contraste. A ausência dos espaços ilimitados, que convidam ao movimento, o espetáculo incessante das densas florestas ciliares, que interceptam à vista o horizonte, a abdicação necessária das vontades particulares onde a vida de todos está nas mãos de poucos ou de um só, tudo isso terá de influir poderosamente na mentalidade dos aventureiros que demandam o sertão remoto. Se o quadro desta gente aglomerada à popa de um barco tem, em sua aparência, qualquer coisa de desordenado, não será a desordem das paixões em alvoroço, mas antes a de ambições submissas e resignadas."[23]

A empatia do historiador parece sugerir no ritmo cadenciado das frases o bater dos remos nas águas do rio Tietê. Em seus livros sobre os paulistas, pretendia reconstruir costumes no seu processo de transformação, captar as fronteiras entre duas culturas e não legados ou heranças culturais fixas: "Fronteira, bem entendido, entre paisagens, populações, hábitos, instituições, técnicas, até idiomas heterogêneos que aqui se defrontavam, ora a esbater-se para deixar lugar à formação de produtos mistos ou simbióticos, ora a firmar-se ao menos enquanto não a superasse a vitória final dos elementos que se tivessem revelado mais ativos, mais robustos ou melhor equipados"...[24]

Homem dotado de prodigiosa memória e de uma imensa erudição, pois convivia fartamente em sua biblioteca com as mais variadas obras sociológicas, antropológicas, filosóficas, voltava sua criatividade de historiador para a adequação dos conceitos das ciências humanas e dos seus métodos ao fluir do tempo, aos momentos crepusculares, de transição e vir a ser. O trabalho do historiador exigia métodos fluidos para temas movediços[25] e sobretudo a arte de jogar com penumbras de sentido e de equivalências entre as palavras apreendidas no tempo.

Uma das peculiaridades do seu estilo de construção dos temas movediços consistia na busca paciente e descritiva destes pormenores em seu processo de significação no tempo. Um a um, em crescendo, constituindo círculos descritivos cada vez mais densos até que chegassem a compor aspectos da organização da sobrevivência no sertão paulista... É o caso da passagem em que descreve as trilhas, o modo de pisar, decifrar rastros, o sentido simbólico dos calçados, estribos adaptados aos pés descalços para chegar a recriar os movimentos de povoação e a sucessão de formas vitais de convívio dos colonos paulistas com a natureza do sertão.[26]

Em **Visão do Paraiso**, o crítico literário e o historiador das idéiassomam forças com o estilista num livro rebuscado e meticuloso de história da sensibilidade e do sonho. No feitio dos pintores flamengos, cuida de construir com pontos miúdos sem se perder em pormenores, pois arrebata as minúcias em eixos de movimentos que englobam

e reconstroem forças contraditórias, que se negam e se transformam umas nas outras.

Neste mesmo livro de construção sutil, trata da atuação das forças históricas concretas, no embate de suas tensões dialéticas, opondo-as a termos estáticos de sentido abstrato como Renascimento, Humanismo, Barroco, que reconstitui no movimento e na fluidez de sua historicidade, que dura no tempo, ao sabor das experiências concretas de sobrevivência no dia-a-dia da colônia.

De raro em raro, um autor se preocupou tanto em construir uma linguagem adaptada à reconstituição de mentalidades. Procurava acertar cada palavra, adequá-la à época, à consciência de testemunhos do passado.

O engajamento na sua contemporaneidade era contrabalançado por uma busca inquieta de rigor com relação ao linguajar dos testemunhos e de objetividade no emprego das palavras; forjar uma linguagem apropriada à reconstituição do passado tornou-se o principal fulcro da sua atividade de interpretação histórica: "... a própria espessura; a complexidade, a heterogeneidade que distinguem o campo do historiador, pedem que ele use generosamente dos recursos da linguagem, e esta nem sempre há de ser uma linguagem direta, porque o vocabulário disponível mal refletirá a variedade e complexidade das nuanças que é preciso ter em conta. A busca da precisão pode ser às vezes laboriosa, sugerindo à primeira vista um rebuscamento e até um preciosismo vão, mas nem por isso há de ser simplesmente uma linguagem enfeitada, empolada ou rebarbativa".(27)

Deixava-se fascinar pelas sinuosidades do linguajar de época, cultivava o sabor dos arcaísmos e embutia no estilo do historiador o modo de pensar e de se expressar dos testemunhos.(28)

Não se tratava aqui de mera erudição colhida das Atas da Câmara de São Paulo no século XVI, nem sequer de reproduzir no texto, tal qual, a linguagem castiça do século XVI ou do XVIII. Para Sérgio Buarque de Holanda a erudição era um instrumento de interpretação, de que se servia em sua obra para criar uma linguagem específica, nova, do próprio historiador, como mediação entre a sua consciência e a dos seus testemunhos históricos. É o que demonstra em **Visão do Paraiso** quando estuda o pendor dos barrocos para o figurativo e o concreto, em particular a preeminência entre eles do culto do rosário: "Não lhe basta porém mostrar que o ananás era metáfora do rosário no Novo, assim como o era a rosa no Velho Mundo. Precisava explicar ainda que o primeiro valia mais do que a segunda, já que deve haver vantagem nos frutos sobre as flores, com o que ganhava mais força a demonstração... Mais excelente é pois o rosário no ananás do que na rosa, porque, se, pela firmeza e constância, os frutos excedem as flores, o rosário em fruto, o rosário constante e permanente é melhor do que em flor, mais útil e rendoso pela firmeza e constância na reza..."(29)

Com a mesma densa empatia com que carrega de cores a descrição dos cronistas deslinda a ênfase de Vieira no primado do visual, a sua interpretação simbólica das realidades aparentes, enfatizando ou recriando o impacto que exercia sobre o público: "Nisso corre uma cortina, aparece a imagem do Ecce Homo e eis que todos subitamente se prostram, todos entram a bater nos peitos; eis as lágrimas, eis os gritos, eis os alaridos, eis as bofetadas."(30)

O historiador revive o linguajar barroco e quer documentar o seu modo metafórico de pensar, em tudo oposto ao pensamento discursivo moderno. Frei Antonio do Rosário tinha horror às jabuticabas: "E a razão alegada dessa incompatibilidade vinha de que, sendo a cobiça raiz de todos os males e sendo tão públicas na jabuticabeira e tão notadas as suas raízes, só poderia isso representar interesses demasiados e insaciáveis cobiças. Razão nitidamente barroca, no velhíssimo sentido, pelo capcioso do argumento e também no outro pela idéia implícita de que a dissimulação pode ser proveitosa e porventura virtuosa..."(31)

Como a jabuticaba, também as paisagens novas do Brasil importavam "não tanto por aquilo que aparentavam, mas sobretudo pelo que pareciam anunciar ou dissimular".(32)

Entretanto, além de captar nuanças do linguajar das Atas da Câmara, ou os meandros do falar e pensar barroco, queria integrar estes modos de ser em parâmetros mais amplos, comparálos e confrontá-los com outros modos de ser e de pensar de outros lugares e outros tempos. Como historiador, pretendia captar a especificidade do processo de formação da sociedade colonial através de parâmetros universais, contrastando com a experiência de outros povos colonizadores, reconstituindo balizas universais para melhor ressaltar a peculiaridade local ou regional.

De onde as tensões que movimentam seu estilo, que alterna entre a descrição e a síntese —, sempre movimentado, perfeccionista, arduamente elaborado; o historiador mergulhava no escrutínio cuidadoso das fontes, com suas virtualidades de empatia imaginativa, até o momento de retomar as correntes mais contemporâneas do pensamento em sua própria época. Em seus livros ora se exprime num estilo descritivo, paciente, eivado do convívio íntimo com as palavras e com o modo de pensar dos testemunhos históricos, ora escreve em movimentos bruscos de transição no tempo, quando assinala a posição do historiador, que compara, confronta, destaca mudanças no tempo.

Ao deslindar nos barrocos um modo de sentir e de apreender a paisagem mais próximo dos homens medievais, do que da moderna observação científica, o historiador reconstitui minúcias de um modo diferente de apreender a realidade. Em **Visão do Paraiso** entremeia passagens sobre a mentalidade simbólica do barroco, com referências à presença do pensamento neoplatônico entre os renascentistas, aos marinistas italianos, fazendo contraponto com o aparecimento do pensamento abstrato e do gosto dos franceses do século XVIII pela observação empírica da natureza. São os parâmetros com que pretende estabelecer confrontos para melhor construir o específico, o singular da mentalidade dos colonos e de suas atividades de colonização no Brasil, a fim de tornar mais sensível a mudança da mentalidade através do tempo. Demora-se em reconstituições minuciosas, empáticas, entrecortando-as porém com referências muito explícitas à situação do historiador, do ponto de vista do presente e da distância que o separava dos valores do tempo dos seus testemunhos. "O que procurava Frei Antonio do Rosário nas frutas do Brasil, em contraste com o que faria talvez um Richeome, não eram, em verdade, as frutas, era o que a simples aparência delas pudesse dissimular: seus secretos significados e seu hieróglifo misterioso. Aferrado, embora, às coisas visíveis e concretas, não lhe importava tanto o vê-las com os olhos ou o apalpá-las com a mão, queria, sim, ver e sentir apesar dos olhos e das mãos."(33)

Através da narrativa também procurava captar os diferentes ritmos do tempo e suas descontinuidades no processo do devir. Sérgio Buarque de Holanda mostrava-se afim à concepção do alemão Otto Hintze, segundo o qual a representação da realidade histórico-social dependeria da cooperação ou interação de dois ritmos de intensidade bem diversa: o evolutivo, que se passava sobretudo no domínio do inconsciente e do instintivo e o dialético, de efeitos súbitos, vulcânicos e que dependia sobretudo de fatores conscientes ou espirituais.(34)

Em **Monções, Caminhos e Fronteiras, em Visaõ do Paraiso** mostra uma conceituação do tempo alternadamente evolutiva e dialética. Em particular nesta última obra compõe nuanças e joga com a historicidade dos mitos e das palavras, entremeando trechos de reconstituição do linguajar e do pensamento dos homens do barroco com passagens de síntese das grandes tendências de formação do pensamento moderno ou da sucessão das diversas formas sociais da atividade colonizadora dos portugueses.

Também se reportava em sua obra aos ritmos do tempo especificados por Fernand Braudel: o ritmo da longa duração, quase imóvel, o das relações do homem com o seu meio físico; um ritmo intermediário, correspondendo ao tempo das estruturas sociais, que permite apreender as mudanças nas sociedades, nas economias; e, por fim, o tempo da história dos eventos, mais rápido e superficial dos atos relativos a história política e à atuação consciente dos indivíduos.(35)

Em seu último livro, **Do Império à República** ateve-se a uma concepção do tempo mais afim à dos **Annales**, através da qual trabalha na narrativa os tênues limites entre a história social e a história política, segundo alternância de ritmos diferenciados... Na fase final de sua obra, quando retomou temas de **Raízes do Brasil**, voltando-se para o estudo das relações entre sociedade e política, reelaborou seu estilo para trabalhar a dialética das tensões e dos impasses entre elites dirigentes e figurantes mudos no processo de nossa formação. Seu estilo parece mais sincopado do que nos livros anteriores, alternando-se passagens de história política, de ritmo narrativo mais rápido e descritivo, com trechos mais pausados, mais interpretativos de aspectos estruturais da sociedade brasileira do século passado.

A história eventual, que descreve os fatos políticos, o poder pessoal do Imperador, os limites de consciência dos estadistas e jornalistas da época, e trechos de ritmo mais lento, mais de síntese e de interpretação, em que reconstruía as peculiaridades da sociedade do Império, a sua estrutura, a formação das oligarquias e a arregimentação do patronato. Ritmos do tempo, tensões do devir, e sobretudo a situação de impasse, de retração do eleitorado, situação crítica de impasse provocado pelas elites dirigentes que dificultavam a renovação do país, impedindo o aparecimento de novas formas de convívio político e social. A alternância do descritivo e da síntese parece sugerir travas no processo do devir. Fascinava-o o estudo da continuidade e da mudança no tempo.

Acreditava num processo imanente e dialético de interação das forças históricas, que acabavam por se transcender, gerando formas novas de convívio. É o caso do sertão paulista, na primeira fase de sua obra: "... Aos freios divinos e naturais, os únicos em realidade que compreendiam muitos dos sertanistas de outrora, acrescentavam-se cada vez mais poderosas, as tiranias legais e judiciárias, as normas de vida social e política, as imposições freqüentemente caprichosas dos governantes..."(36)

É verdade, que não aceitava um conceito linear do progresso. Como historiador preferia nuançar as ambigüidades do progresso (implícito na sugestão trilhas, bandeiras, monções, estradas de ferro)(37) e captar as situações de impasse, perseguindo a continuidade de certos valores e formas sociais da colônia, que persistiam através do tempo. Em **Raízes do Br asil.** "Como esperar transformações profundas em país onde eram mantidos os fundamentos tradicionais da situação que se pretendia ultrapassar?".(38) Em **Visão do Paraiso**, trabalhava o estranho conluio do novo e do arcaico na mentalidade dos colonos portugueses.(39)

A intuição destes momentos críticos de impasse marcam decisivamente o seu modo de reconstituir o passado, poisSérgio Buarque de Holanda nunca se ateve apenas a um modo relativista de conceituar os valores de cada época do passado. Historiador engajado, pensador radical, viveu plenamente o que os historistas vislumbravam como consciência exorcista do tempo.

Lembre-se em **Visão do Paraiso**, a passagem em que projeta a simpatia cósmica dos portugueses

do Renascimento e a leitura analógica da natureza, a que procediam, à medida em que penetravam pelo interior do continente. Nas cabeceiras do rio São Francisco, os cronistas da colônia reencontravam as águas do rio Gion, que tinha suas origens no paraiso terrestre; imagem reproduzida nos inícios do século passado por Hipólito da Costa que tem por sua vez a premonição da fundação de Brasília no país do interior central e imediato às cabeceiras dos grandes rios".[40] Em inúmeras passagens deste livro, que se pretendia de certa forma exorcista, sugeria sobrevivências do modo mítico de pensar dos barrocos na mentalidade desenvolvimentista da década de cinqüenta.

Para ele, como para Dilthey e outros historistas, o estilo era parte integrante do exercício de interpretação e do processo de compreensão ou *Verstehen*, pelo qual o historiador se tornava observador participante de valores e forças peculiares a uma outra época do passado. A busca das sobrevivências arcaicas do passado no presente era a estratégia principal deste tipo de conhecimento necessariamente ideológico, engajado e ainda assim objetivo; era uma forma de conhecimento temporário e provisório, que se renovava com o passar das gerações, que a seu ver possibilitava aos homens em sociedade um escrutínio do passado em termos de certo exorcismo crítico, capaz de libertar os indivíduos do peso de suas tradições e de valores imutáveis. Discernir o passado "grávido do futuro"[41], fazia parte do esforço dialético de devassar as forças do passado "para melhor libertar-se dele".[42] O historiador engajado nas lutas do presente teria uma missão renovadora a cumprir: suas obras de escrutínio das forças do passado contribuiriam para apontar caminhos de reforma e transformação da sociedade em que vivia. De **Raízes a Do Império à República**, construiu uma interpretação radical e crítica da sociedade e da política nos Brasil.[43]

O impasse da modernidade no Brasil contemporâneo foi o núcleo das preocupações de Sérgio Buarque de Holanda. Elaborou em vários de seus livros o tema da resistência à mudança, reconstituindo de diferentes pontos de vista os meandros de um devir travado, quase repetitivo. No parágrafo final do livro **Visão do Paraiso**, vislumbra um desfile de Eldorados reiteradamente impressos nos diferentes ciclos de exploração econômica. "A procissão dos milagres há de continuar assim através de todo o período colonial e não a interromperá a Independência, sequer, ou a República".[44]

As últimas linhas do livro **Do Império à República** projetam a imagem do impasse político na continuidade das oligarquias restritas do Império que continuariam na República Velha. "Nem nesse momento nem ao deixar o portão do quartel general, estava certo Deodoro de que as oligarquias monárquicas pertenciam ao passado e ia começar o tempo da oligarquia republicana".[45]

A elaboração do poder cognitivo das palavras foi sua contribuição mais inovadora para a interpretação de nosso passado. Criatividade rara, que o situa entre os mais destacados historiadores, pois forjar um estilo interpretativo consistiu sem dúvida numa contribuição estratégica para a historiografia contemporânea, cujo maior desafio crítico continua sendo a adequação entre o ritmo da palavra e dos conceitos.

NOTAS

(1) Maria Odila Leite da Silva Dias, org. **Sérgio Buarque de Holanda.** São Paulo, Ática, 1985, Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 51.

(2) Louis O. Mink, "Narrative form as a cognitive instrument", apud Thomas H. Canary e Henry Kozichi, **The writing of History: Literary form and historical understanding.** Univ. of Wisconsin Press, 1978; Louis O. Mink, "The autonomy of Historical Understanding, **History and Theory**, VI, n.1, 1965, pp.24-47; David Carr, "Narrative and the real world. **History and Theory**, v. XXV, n. 2, 1986, 119-131; "Understanding narrative Theory **History and Theory**, Scholes e Kellogg, The nature of narrative. Oxford U. Press, 1968: Frank Kermode .**The Genesis of secrecy — On the interpretation of narrative.** Harvard Univ. Press, 1979, J.R. Petit, **La narrativité et le concept de l'explication en histoire.** Paris, éditions du CNRS, 1980.

(3) Peter Gay, **Style in History**. N. York, Basic Books, 1974.

(4) F.R. Ankersmit, Narrative Logic (A Semantic analysis of the historian's language). The Hague, Martinus Nijhoff Publishers, 1983.

(5) Paul Ricoeur, **Temps et Récit**. Paris, Seuil. 1983, 3 vols.

(6) Richard Rorty, **Philosophy and the Mirror of Nature**. Princeton Univ. Press, 1980; Reinhart Koselleck, **Futures Past (On the Semantics of Historical Time)**. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 1985. (Trad. do alemão por Keith Tribe.)

(7) Reinhart Koselleck, **Futures Past**, *ob. cit.* 273.

(8) Espaço da experiência e horizonte de expectativas são os termos de Reinhart Koselleck, *ob. cit.* 268 ss. Gadamer, Hans Georg. **Truth and Method.** New York, Crossroad, 1984, 217.

(9) Sérgio Buarque de Holanda, Doença Infantil da historiografia, versão preliminar datilografada, 19r.

(10) "Todos os conceitos em que, do ponto de vista semiótico, se congregue todo um processo, esquivam-se à definição; só o que não tem história é definível." Sérgio Buarque de Holanda, **org. Leopold von Ranke**. São Paulo, Ática, Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 8, p.61. A mesma citação de Nietzsche aflora em Reinhart Koselleck quando analisa a relação entre palavra e conceito, história social e história conceitual. *(Ob. cit. 84.)*

(11) Hayden White, **Metahistory. The Historical imagination in 19 th century Europe**. Baltimore e Londres, The Johns Hopkins Univ. Press, 1973. Hayden White, "Historicism, History and the Figurative Imagination", **History and Theory**, v.XIV, n.4, 1975. Ibidem, "The fictions of factual representation" in Angus Fletcher, ed. **The Literature of Fact.** N.York, Columbia Univ. Press, 1976.

(12) Reinhart Koselleck, *ob. cit.*, 137.

(13) *Ibidem*, 215-216.

(14) Sérgio Buarque de Holanda, Doença Infantil da Historiografia, 19r.

(15) Sérgio Buarque de Holanda, **Tentativas de Mitologia.** S. Paulo, Perspectiva, 1978, 31; Idem, *Conferência em 1960 para os estudantes do Centro de Estudos Históricos Affonso Taunay*, original datilografado.

(16) Sérgio Buarque de Holanda, **org. Leopold Von Ranke**, S. Paulo, Ática, 1979, 31.

(17) Sérgio Buarque de Holanda, "Metais e pedras preciosas", **História Geral da Civilização Brasileira,** S. Paulo, Difel, 1969, t.1, v.2, 297.

(18) A contemporaneidade do não contemporâneo continua a preocupar o historismo alemão: "Die Gleichzeit des ungleichzeitigen" R. Koselleck, **ob. cit.,** 89 e 98.

(19) Sérgio Buarque de Holanda, Doença Infantil da Historiografia, versão preliminar, 20r.

(20) Conferência de 1960 para estudantes do Centro de Estudos Históricos Affonso Taunay, datilografada com notas manuscritas.

(21) Doença infantil da Historiografia, 18 r; **Tentativas de mitologia**, 31.

(22) Sérgio Buarque de Holanda, Doença infantil da historiografia, 19r.

(23) Sérgio Buarque de Holanda, **Monções**, 76.

(24) Sérgio Buarque de Holanda, **Caminhos e Fronteiras**, Rio, José Olympio Editora, 1957, VI.

(25) Sérgio Buarque de Holanda, **Cobra de Vidro**, 137.

(26) Maria Odila Leite da Silva Dias, org. **Sérgio Buarque de Holanda**. S. Paulo, Ática, 1985, 25-26.

(27) Sérgio Buarque de Holanda, Doença infantil da Historiografia, 18r.

(28) Sérgio Buarque de Holanda, **Tentativas de mitologia**, 19.

(29) Sérgio Buarque de Holanda, **Visão do Paraiso** 235.

(30) Sérgio Buarque de Holanda, **Visão do Paraiso**, 227.

(31) **Ibidem**, 234.

(32) **Ibidem**, 236.

(33) **Ibidem**, 236.

(34) Sérgio Buarque de Holanda, **Leopold Von Ranke**. S. Paulo, Ática, 58-59.

(35) **Ibidem, idem.**

(36) Sérgio Buarque de Holanda, **Monções**, 117.

(37) Sérgio Buarque de Holanda, **Caminhos e Fronteiras**, 158 e 160.

(38) Sérgio Buarque de Holanda, **Raízes do Brasil**, 46.

(39) Sérgio Buarque de Holanda, **Visão do Paraiso.**

(40) Ibidem, 64.

(41) Sergio Buarque de Holanda, "O atual e o inatual em L. Von Ranke, in **L. Von Ranke**", S. Paulo, Ática, 1979, 31.

(42) **Visão do Paraiso**, XVIII.

(43) Maria Odila Leite da Silva Dias, org. "Sergio Buarque de Holanda", historiador in **Sergio Buarque de Holanda**". São Paulo, Ática, 1985; Maria Odila Silva Dias, "Sérgio Buarque de Holanda: o impasse na história". **Folha de S. Paulo**, 5-6-1984.

(44) **Visão do Paraiso**, 323.

(45) **Do Império à República**, 360.